

GRAFISMOS GEOMÉTRICOS : HIPÓTESE OU REALIDADE NA ÁREA DO BAIXO SÃO FRANCISCO?

CLEONICE VERGNE¹
FRANCISCO CARVALHO²

ABSTRACT

The aim of this paper is to present some results of the research program developed by the Archaeological Research Laboratory of the Archaeological Museum of Xingó, regarding to the survey of the graphic registry at the área and discussing its classification as a part of the geometrical tradition.

Palavras-chave: registros gráficos arte rupestre em Xingó tradição geométrica

1 Arqueóloga, Gerente de Arqueologia do MAX.

2 Arqueólogo do MAX, Mestrando em Geografia, Área de Estudos Arqueológicos, UFS.

INTRODUÇÃO

O Laboratório de Pesquisas do Museu de Arqueologia de Xingó tem concentrado suas atividades de pesquisa nos registros gráficos situados em dois macro ecossistemas: a chapada e os boqueirões.

Deve ser considerado que essa é uma área bastante singular, com registros de predominância no estilo grafismos puros e algumas unidades com a presença de grafismos reconhecíveis. Em outras localidades do Nordeste e do Brasil foram efetuados estudos e definidas tradições (indicadores culturais); em Xingó, ainda não foram efetuados estudos classificatórios e apenas levantam-se conjecturas, o que permitiu estabelecer o grau de particularidade da área.

Deve ser considerado que Xingó apresenta uma das maiores concentrações de grafismos puros, tomando-se como referencial apenas 40% da área prospectada do Baixo São Francisco. Questiona-se, então, qual o verdadeiro potencial da área e quais as respostas que poderão ser obtidas.

Deve-se ressaltar que a técnica dos grafismos é bastante elaborada, detalhista nos traços e na sinuosidade das figuras, denotando uma real preferência pela execução dos mesmos.

Se resolvêssemos hoje traçar um padrão cultural do(s) grupo(s) humano(s) que habitou (aram) essa região, poderíamos reviver a extinta Geométrica ou, simplesmente, estabelecer uma nova Tradição, mas só se ocorressem elementos diferenciadores dos já definidos na extinta tradição citada.

Com essas conjecturas, poderíamos estabelecer uma preliminar do perfil simbólico dos idealizadores desses registros. E, dando um passo à frente, poderíamos determinar a preferência por tipo(s) desses inúmeros traços e em que grau de intensidade eles se repetem. Sabemos das dificuldades que enfrentaremos, mas essa tarefa não é algo impossível.

Definimos dois procedimentos condutores desse ousar:

1. distribuição espacial dos sítios de registros - uma leitura dos ecossistemas;
2. preferência por tipos de figuras - uma questão simbólica.

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SÍTIOS DE REGISTROS - UMA LEITURA DOS ECOSISTEMAS

Os sítios de registro ou arte rupestre de Xingó encontram-se inseridos em dois macro ecossistemas - chapada e boqueirão.

A Chapada é uma área plana localizada no platô do rio São Francisco, onde ocorrem as pinturas em matacões de granito ou arenito, compondo uma bela paisagem cênica inserida num vasto areal típico de fundo de rio ou de uma enorme lagoa que cobriria todo o platô. O referido areal se intercala com grandes lajedos. Nesse ambiente temos a maior incidência dos grafismos puros, embora, no município de Olho d'Água do Casado, comecem a surgir, em pequena quantidade, alguns sítios com figuras reconhecíveis.

Os Boqueirões apresentam dois tipos de riachos: primeiro, os que nascem nas encostas da serra e cortam ou não o platô e vão desaguar no rio e apresentam extensos paredões, e, segundo, os riachos que deságuam em outros riachos que são afluentes do rio principal e que têm nas suas margens grandes matacões de arenito onde estão localizadas as pinturas e as gravuras.

Esse ecossistema é privilegiado por um tipo de clima ameno, com uma vegetação exuberante, podendo ser encontrados, alguns meses após as chuvas, caldeirões com água.

Através do mapa da área de montante da UHE de Xingó é possível observar a distribuição dos sítios por área de concentrações:

- na Bahia, há seis concentrações, sendo três de chapada e três de boqueirão e uma subdividida entre a chapada e o boqueirão
- em Sergipe, há três concentrações e um sítio isolado, sendo duas de riacho e uma de chapada, inclusive o sítio isolado.
- em Alagoas, há três concentrações, sendo duas no boqueirão e uma na chapada, todavia em quatro sítios isolados, mas em boqueirões.

Em princípio, não gostaríamos de estabelecer uma preferência por um dos dois macro ecossistemas. Mas, após a conclusão total da prospecção dessa primeira área a montante da usina hidrelétrica de Xingó, esse fato poderá ser facilmente delimitado. Observando a área, será possível estabelecer algumas conjecturas, tais como:

- os riachos são condutores naturais de passagem do homem dos terraços para o platô;
- o platô é o melhor local de proteção contra as cheias e permite uma visibilidade maior do entorno;
- os riachos apresentam um esconderijo natural contra as intempéries do período quente, pois como esses ambientes possuem uma temperatura amena, tornam-se excelentes locais de pouso.

PREFERÊNCIA POR TIPOS DE FIGURAS - UMA QUESTÃO SIMBÓLICA;

Os homens pré-históricos sempre tiveram a prática de demarcar o seu meio com sinais e símbolos, o que poderia indicar várias coisas, dentre elas:

- marcar território;
- rituais mágico-religiosos;
- cenas do cotidiano;
- ou, simplesmente, marcar as imagens dos seus momentos de abstração.

Todos esses sinais foram registrados em suporte rochoso de diversas formações, mas o fato mais importante é que eles deixaram as suas marcas e que hoje nos dão apoio ao estudo do passado humano através dos seus registros.

Os registros, ou arte rupestre em Xingó, podem ser considerados, antes de mais nada, a manifestação do abstracionismo, mostrando a sua habilidade manual como já possuidora de uma certa independência processual. Demonstram, perfeitamente bem, a aptidão artística dos executores, chegando até nós como um referencial da desenvoltura dos sentidos. Podem, também, proporcionar a todos um conhecimento do cotidiano dos primitivos habitantes, representando animais, figuras humanas, as plantas, e, principalmente, os grafismos puros, muitos dos quais reconhecíveis hoje para nós como formas da nossa geometria. São esses registros que nos proporcionam uma visão do que foi o passado, além de serem um testemunho etnográfico, relacionando as informações ao tipo de vida que os Homens levavam em determinado local onde registraram as suas marcas como prova da sua passagem por uma região.

De 1991 a 1994 trabalhamos exaustivamente nos 41 terraços existentes na área do atual reservatório da hidrelétrica de Xingó, e todo material coletado dessa área encontra-se armazenado no acervo da reserva técnica do Museu de Arqueologia de Xingó, o qual apresenta algumas publicações de alguns segmentos que já foram objeto de análise. Todavia não tínhamos ainda definido a Tradição dos grupos culturais que ocuparam esse trecho do Baixo São Francisco e se a mesma se enquadrava ou não nas tradições existentes no Nordeste do Brasil. Achávamos que ainda não possuíamos elementos suficientes para estabelecer um padrão cultural para esses grupos, em face da grande lacuna de informações existente os platôs. Essa questão foi resolvida quando, a partir de 1999, assumimos a coordenação do levantamento dos sítios de registros gráficos no platô e em outros boqueirões.

De uma quantidade inicial de 15 sítios, apresentados no relatório de salvamento arqueológico da área, hoje contamos com 208 sítios na área de montante da UHE de Xingó, no platô e nos boqueirões do rio São Francisco.

Tendo como base o tipo de registro identificado, duas possibilidades se apresentam: primeira, a de ressurgir a **Tradição Geométrica**, ou, segunda, a de apresentar uma nova Tradição à comunidade científica, a **Tradição Xingó**, considerando que a área já apresentou particularidades nos enterramentos e em todo o acervo, seja o lítico, o cerâmico e o faunístico.

Após essa rápida colocação, passamos a nos deter na arte rupestre que possui as características dessa Tradição, que é “caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos puros, figuras humanas e algumas mãos, pés e répteis extremamente simples e esquematizadas” (PESSIS,1992:35), mas que foram realizados por grupos que dominavam muito bem a técnica de execução das pinturas e gravuras localizadas em Xingó.

Sabemos que devemos nos debruçar sobre essas pinturas que se encontram inseridas nesses pequenos, médios e grandes painéis existentes nos 208 sítios, e tentar definir uma identidade cultural para esse conjunto tão magnífico e incrível, que possui uma contextualização interessantíssima diante do extraordinário acervo arqueológico.

Nesse conjunto, temos de forma bastante pontual algumas figuras isoladas no contexto geral do sítio, apresentando-se, ainda, poucos sítios

os com manifestações que compõem a temática das tradições Nordeste e Agreste. Segundo Martin (1999, p. 291),

“Nos painéis de todas as tradições e sub-tradições rupestres até agora registradas no Brasil, existem grafismos puros, descritos como ‘abstratos’, ‘simbólicos’, ‘esquemáticos’ e também ‘geométricos’. A definição do geométrico é aplicada quando o grafismo lembra alguma das formas geométricas conhecidas... Nota-se um certo cacoete na inclinação cômoda de atribuir-se a uma suposta tradição Geométrica todos os grafismos puros que não se encaixam nas outras tradições definidas”.

No nosso caso, o maior interesse em classificar a Tradição como Geométrica não provém de uma comodidade, mas sim do grande número de figuras que possui a aparência das figuras geométricas, os grafismos puros, muitas vezes não geometrizadas, mas que se apresentam em conjuntos, estando próximos ou não ao espaço em que se situam as manifestações puramente geométricas. Continua a citada autora (pp. 291/292):

“As perguntas na hora de se questionar a existência ou não de uma tradição Geométrica de pintura rupestre no Nordeste são simples. Que é geométrico em arte rupestre? Espirais, linhas sinuosas, linhas quebradas aparentemente ao azar, são grafismos geométricos? Quando o mesmo grafismo ‘geométrico’ é representado dentro de painéis das tradições Nordeste e Agreste que tipo de explicação podemos dar? Seriam intrusões ‘geométricas’ nas tradições conhecidas? São perguntas simples de difícil resposta, mas se refletirmos bem, veremos as enormes dificuldades de se definir uma tradição geométrica com segurança. Quando todos os grafismos de um sítio são do tipo ‘geométrico’, ou seja, grafismos puros, filiamos esse sítio a uma hipotética tradição Geométrica, e quando esses mesmos grafismos aparecem misturados a grafismos da tradição Agreste, como deveriam ser definidos? Estamos diante de um fato que se repete consideravelmente nas ‘províncias’ rupestres da tradição Agreste. Está claro nos sítios rupestres do agreste pernambucano e paraibano, mas também grafismos ‘geométricos’ se fazem presentes nos abrigos da expressiva e figurativa sub-tradição Seridó. Na descrição de registros rupestres

de diferentes regiões do Nordeste, é comum se ler que determinado painel pertence à tradição Geométrica, mas se registra, também, a presença de antropomorfos, lagartos, mãos, etc”.

Assim, os registros rotulados como geométricos são possuidores de uma grande singularidade, e os seus traços estão presentes nas outras áreas arqueológicas do país, só que complementando os registros das Tradições já definidas, enquanto que a nossa realidade é outra: elementos de outras Tradições é que estão pontilhando os nossos grafismos, o que demonstra que somos possuidores de um outro perfil, puramente simbólico. Como se pode observar na tabela 1, dos sítios estudados, 84,1% apresentam apenas grafismos puros, a exemplo dos Sítios 67, 413, 412 e 58 (este apenas com gravura), cujos painéis são reproduzidos a seguir. Do total, 14,9% dos sítios podem ser considerados mistos, apresentando grafismos puros e reconhecíveis, a exemplo dos Sítios 32 e 35 (este com gravura). Mas é importante salientar que nos sítios mistos há largo predomínio de figuras geométricas, tendo, às vezes, apenas um ou dois grafismos reconhecíveis. Em todo o conjunto, apenas dois sítios apresentaram exclusividade de grafismos reconhecíveis, sendo tal fato estatisticamente não significativo. É interessante observar, ainda, que as diversas áreas arqueológicas analisadas apresentam comportamento diverso quanto à predominância de grafismos puros. Em oito delas (66,6% do total) os sítios com essa característica única são mais de 70%, o que dá bem a dimensão da importância desse tipo de registro gráfico no conjunto arqueológico de Xingó. Acreditamos, portanto, que o sítio que apresenta uma quantidade marcante de figuras geométricas mereça uma grande atenção, pois as maiorias dos nossos sítios são completamente diferentes daqueles já estudados pelos pesquisadores no Nordeste brasileiro, e que colocam a Tradição Geométrica como extinta, por suas formas geométricas estarem apenas pontuando as outras tradições. Na área do Baixo São Francisco acontece justamente o contrário: as figuras características de outras tradições é que se apresentam pontuando o nosso horizonte geométrico.

TABELA 1
REGISTROS GRÁFICOS EM XINGÓ

Localização do sítio	Sítios com grafismos puros		Sítios com grafismos reconhecíveis		Sítios mistos		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Piau	7	77,8	1	11,1	1	11,1	9	100
Lagoa das Pedras	17	94,4	-	-	1	5,6	18	100
Riacho Poço Verde	3	75,0	-	-	1	25,0	4	100
Riacho Mirador	-	-	-	-	2	100	2	100
Riacho do Talhado	14	63,6	-	-	8	36,4	22	100
Afluente do Talhado	10	90,9	-	-	1	9,1	11	100
Malhada Grande	34	94,4	-	-	2	5,6	36	100
Mundo Novo	5	55,6	1	11,1	3	33,3	9	100
Rio do Sal	63	95,5	-	-	3	4,5	66	100
Riacho Pico	2	100	-	-	-	-	2	100
Xingozinho	15	88,2	-	-	2	11,8	17	100
Olho D'água	5	41,7	-	-	7	58,3	12	100
TOTAL	175	84,1	2	1,0	31	14,9	208	100

Não achamos válido desconsiderar um horizonte tão vasto e tão rico como esse, se considerarmos a complexidade das formas que o executor demonstrou em seus momentos de abstração, sabendo transferir para o suporte rochoso a beleza do seu imaginário, através dos traços simbólicas, como: os círculos, círculos concêntricos, semi – círculos, grandes carimbos, tridáctilos, traços cruzados, linhas sinuosas, grades, conjunto de pontos, conjunto de bastonetes, formas ovulares, pentiformes, setas, semi-círculos, cupules, bastonetes barrados, meandros duplos, zig-zag, formas losangulares muito bem elaborados.

No seu livro *Arqueologia Brasileira*, PROUS (1992) reconhece como geométricas todas as gravuras, do sul ao nordeste do País, com essas características, mas não menciona uma Tradição de pinturas rupestres com esse nome.

Após a apresentação da avaliação sobre a extinta Tradição Geométrica acreditamos que estamos trilhando pelo caminho certo quando levantamos esses questionamentos com relação ao reviver ou não a Tradição acima citada. Uma maior segurança na definição da área de Xingó como pertencente à Tradição Geométrica só será possível após conhecermos todo o horizonte da área da UHE de Xingó e verificarmos por completo se possuímos ou não todos os elementos necessários a uma classificação específica. Mas até o momento, tudo nos leva a crer que estamos trilhando pelo caminho certo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. Ed. Universitária UFPE. 3. Ed. Recife, 1999.

PESSIS, Anne-Marie. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-Históricos do Nordeste do Brasil. In: CLIO Arqueologia, v.1 n.8. Recife, 1992.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Ed. UnB, 1992.



Figura 1 - Sítio nº 32



Figura 2 - Sítio nº 412



Figura 3 - Sítio nº 58



Figura 4 - Sítio nº 67



Figura 5 - Sítio nº 413

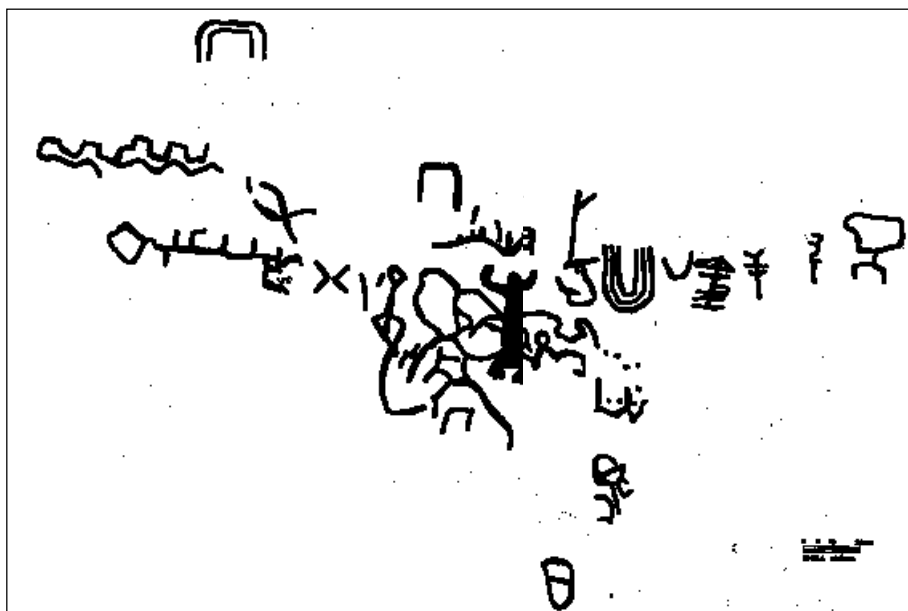


Figura 6 - Sítio nº 35